

# Estado do conhecimento sobre juventude negra: análise do VI Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira (JUBRA)

*State of knowledge on black youth:  
analysis of the Sixth International Symposium on Brazilian Youth (JUBRA)*

Benedito Eugênio<sup>a</sup>, Thiana Eirado Sena de Souza<sup>b</sup>

## Editores

Maria Inês Côrte Vitoria  
PUCRS, RS, Brasil  
Pricila Kohls dos Santos  
PUCRS, RS, Brasil

## Equipe Editorial

Rosa Maria Rigo  
PUCRS, RS, Brasil  
Lorena Machado do Nascimento  
PUCRS, RS, Brasil

## RESUMO

Os estudos sobre juventude ampliaram-se no Brasil. Este trabalho apresenta um estado do conhecimento sobre juventude a partir dos resumos apresentados no VI Jubra, no ano de 2015, tendo como foco de pesquisa a juventude negra/jovens negros e a juventude quilombola/jovens quilombolas. Procurou-se responder à questão: quais as principais temáticas discutidas nos estudos sobre os jovens negros e quilombolas brasileiros? Para isso, utilizou-se a bibliometria. A proposta é uma discussão acerca do contexto social da juventude, principalmente as políticas públicas voltadas para os jovens, bem como a compreensão do cenário nacional para efetivação de espaços de discussões, diálogos e produções científicas sobre os jovens negros e quilombolas do país a partir dos trabalhos selecionados para análise.

**Palavras-chaves:** Juventudes; Juventude negra/jovens negros; Juventude quilombola/jovens quilombolas.

## ABSTRACT

Studies on youth were extended in Brazil. This work presents a state of knowledge on youth from abstracts presented at the VI Jubra, in 2015, with the research focus to black youth/young black and maroon youth/young Maroons. We seek to answer the question: what are the main issues discussed in studies of young blacks and Brazilian Quilombo? For this, we make use of the collaboration of bibliometrics. We propose a discussion about the social youth context, especially public policies for young people, as well as understanding the national scene for effective discussions spaces, dialogues and scientific production on the black and maroon youth of our country from the works selected for analysis.

**Keywords:** Youths; Youth black/black youth; Maroons youth/young maroons.

<sup>a</sup> Professor adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. <[beneditoeugenio@bol.com.br](mailto:beneditoeugenio@bol.com.br)>.

<sup>b</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Relações e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. <[thysena@hotmail.com](mailto:thysena@hotmail.com)>.

ISSN 2179-8435



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

[http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

## Introdução

Os debates envolvendo a juventude brasileira vêm se consolidando cada vez mais nos espaços acadêmicos, oportunizando a constituição de uma agenda nacional de debates envolvendo diversos setores sociais e pesquisadores ligados a essa temática. Não se pode negar que muitos dos problemas que envolvem os jovens na sociedade ainda perduram com o passar dos anos. Além de trazerem novas proposições e demandas acerca da efetivação de políticas públicas para a juventude diante das muitas transformações no perfil e no pensamento desses sujeitos sociais, conforme pontuaram, dentre outros, Spósito, Carrano (2003), Carvalho (2006), Menezes, Stropasolas e Barcelos (2014).

Pesquisas e estudos são debatidos no ambiente acadêmico, entretanto percebem-se as limitações da relação universidade, sociedade e governo. Dados acerca da cultura juvenil, das muitas maneiras de “ser jovem”, particularmente nas áreas rurais/quilombolas, das trajetórias desses sujeitos e de seus interesses e insatisfações não são levados em consideração na formulação de políticas e ações no contexto político atual. Em que pese haver uma política nacional de juventude, conforme aponta Carvalho (2006).

Gropo (2016, p. 386) ressalta que as pesquisas sobre juventude podem ser agrupadas em tradicionais, críticas e pós-críticas. Cada uma dessas teorias apresenta conceitos e paradigmas visando à compreensão dos jovens. Para o autor, hoje se vive o período das teorias pós-críticas, que “têm em comum a concepção de que houve uma ruptura da juventude como ela foi tradicionalmente concebida pela sociologia”. Duas noções se destacam nessa perspectiva: juvenilização e tribos juvenis.

Ainda segundo o mesmo autor, nas pesquisas brasileiras têm prevalecido as teorias pós-críticas derivadas da segunda modernidade: “Elas vão afirmar que as transições juvenis são não-lineares e se fazem por meio de socialização ativa” (GROPPO, 2016, p. 387). É o conjunto de teorias cujo paradigma é o do jovem como sujeito social, conforme aponta Dayrell (2003).

O objetivo deste artigo é conhecer e analisar dados referentes aos trabalhos apresentados no VI Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira – Jubra que tenham como enfoque de discussões a juventude negra/jovens negros e a juventude quilombola/jovens quilombolas. Para se compreender melhor as temáticas debatidas nos trabalhos analisados, este artigo aborda a juventude a partir de uma perspectiva sociológica, também buscando analisar o contexto brasileiro de constituição e efetivação de políticas públicas voltadas para esse segmento.

O Jubra surgiu em 2004, congregando pesquisadores nacionais, internacionais, profissionais, movimentos sociais, sociedade civil e estudantes. Nesse mesmo cenário, estava sendo criada a Secretaria Nacional da Juventude,

devido às questões relacionadas a essa temática estarem em foco nas pautas políticas e sociais. O evento teve edições nos anos de 2004 (Perspectivas e Ações em Saúde, Educação e Cidadania, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), 2006 (Ecos na América Latina, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre – PUCRS), 2008 (Juventudes no Mundo Contemporâneo: Desafios e Perspectivas, Universidade Católica de Goiás), 2010 (Juventudes Contemporâneas – um Mosaico de Possibilidades, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG), 2012 (Territórios Iteculturais da Juventude, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE) e 2015 (Os Jovens e Seus Outros, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ).

Sendo um evento contínuo, o Jubra se configura como relevante no campo da pesquisa sobre juventude, garantindo, assim, a permanência desse fórum como importante espaço de aprofundamento das reflexões. Seus idealizadores e realizadores propõem a institucionalização de uma rede de pesquisadores que estudam a juventude. A temática escolhida para o VI Jubra, Os Jovens e Seus Outros, retrata “o inescapável deslocamento ao outro de qualquer existência humana” (ANDRADE et al., 2015, p. 8), possibilitando reflexões contextualizadas que evidenciem a construção de um projeto comum que debata a juventude.

O artigo encontra-se assim organizado: inicialmente, apresenta-se a metodologia empregada para a construção dos dados; na sequência, pontuam-se algumas considerações acerca da juventude enquanto categoria sociológica; e, finalmente, apontam-se os dados construídos por meio da leitura dos resumos dos trabalhos apresentados no VI Jubra.

## Metodologia

A produção científica é construída num jogo de forças que irá constituir o campo científico, um verdadeiro mundo social, conforme aponta Bourdieu (1983). Para esse autor, o campo científico é definido pelos agentes que o compõem, pois “[...] os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que e num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes [...]” (2004, p. 25).

Morosini (2015), ao efetuar a discussão sobre estado do conhecimento e campo científico, salienta a relevância desse tipo de estudo e, tomando alguns conceitos bourdiesianos, indica quatro elementos a serem considerados para a produção de estados do conhecimento na área de Educação: políticas estatais, finalidades, qualidade interna, metodologia da prática.

Já Pereira e Trivelato (2015, p. 45) pontuam a importância de pesquisas tipo estado do conhecimento: “Através do levantamento, identificação e caracterização de uma dada produção científica pode-se contribuir com a divulgação e uma visão panorâmica do que se tem produzido num dado campo ou grupo de pessoas [...] apresenta(ndo) novas demandas para agendas de pesquisas futuras”.

O estudo e o mapeamento desenvolvidos neste trabalho partem da perspectiva bibliométrica, que, apesar de estar correlacionada à Ciência da Informação, apresenta importante papel no que tange à análise de produção científica aqui proposta. Isso porque esta retrata, através de seus indicadores, o grau de desenvolvimento e interfaces da área de conhecimento referente à juventude, foco das discussões do Jubra, analisadas a partir de variáveis como temática, região e referências bibliográficas, com base em descritores já citados anteriormente (ARAÚJO; ALVARENGA, 2011).

Esta pesquisa foi desenvolvida exclusivamente por meio de fontes bibliográficas. Para isso, selecionaram-se os trabalhos apresentados e publicados no último simpósio sobre juventudes, realizado em 2015, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para a busca dos artigos foram definidos os seguintes descritores: juventude negra/jovens negros, juventude quilombola/jovens quilombolas. Os textos selecionados tiveram seus resumos analisados.

Na edição de 2015, o Jubra contou com 16 grupos de trabalhos (GTs). Destes, os GTs 12 (Relações Raciais) e 13 (Juventudes Rurais), inicialmente, eram os grupos em que se pressupunha encontrar os trabalhos relacionados diretamente aos jovens negros/quilombolas. Após o mapeamento, verificou-se a necessidade de consulta a outros GTs, pois havia dispersão das pesquisas apresentadas. Dessa forma, os resultados aqui demonstrados referem-se à leitura e ao mapeamento dos textos que têm como sujeitos investigados os jovens negros/quilombolas.

## **A noção de juventude como construção social**

Os debates e proposições atuais envolvendo a juventude ganham visibilidade e destaque no cenário social do país, nos últimos anos, principalmente no conjunto de pesquisas oriundas do que Groppo (2016) denomina de pós-críticas e que compreendem o jovem como sujeito social. Diante das muitas transformações sociais vivenciadas pelos jovens brasileiros, percebem-se a fluidez e a transitoriedade que marcam essa etapa de vida; o tempo biológico, quase sempre, não se relaciona com as demandas e funções sociais de uma juventude que muito cedo tende a assumir responsabilidades do mundo adulto. Sem dúvida, os jovens são caracterizados como adultos no enfrentamento de algumas realidades como o trabalho, a família, o desemprego, assumindo responsabilidades que perante as normas sociais são pertinentes aos adultos (CARVALHO, 2009).

Marcada por instabilidades que são associadas aos problemas sociais, a juventude, muitas vezes definida como irresponsável ou desinteressada, apresenta dificuldades no que tange à entrada no mundo do trabalho. É importante frisar que o desemprego juvenil é ocasionado por inúmeros fatores, como dificuldades no acesso à escolarização, formação continuada, dependência da família, casamento precoce e filhos (PAIS, 1990).

Dados presentes no livro organizado por Silva e Botelho (2016) revelam que em 2013 os jovens de 12 a 18 anos incompletos correspondiam a 21 milhões de pessoas no Brasil, cerca de 11% da população, com concentração na região Sudeste (38,7%), seguida da região Nordeste (30,4%). A maior parte dos jovens são negros (64,9%), 58% são mulheres e a imensa maioria (83,5%) é pobre e vive em famílias com renda per capita inferior a um salário mínimo.

Outro elemento importante ao se pensar a juventude brasileira são as relações raciais. Discutir as juventudes hoje demanda pensar os diferentes marcadores de diferença (raça, classe social, sexualidades, gênero, geração, religião, etc). De acordo com Matisjacic e Silva (2016, p. 269), “para compreender as ‘juventudes’ é preciso compreender seus grupos e matizes. A juventude negra é a maior parcela entre os jovens, o que requer atenção específica”.

Mas ao se discorrer acerca da juventude, como compreendê-la diante de suas especificidades? O que define essa cultura juvenil? À noção de juventude está imbricada a perspectiva da diversidade, de constituição de sujeitos com especificidades e singularidades distintas. Estas influenciadas pelo meio concreto, no qual se desenvolvem e realizam trocas a partir das dinâmicas de relações sociais, apresentando diversas maneiras de viver essa juventude. Segundo Dayrell (2003, p. 43):

[...] o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. [...] o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

Fundamentada nos estudos sociológicos, a juventude pressupõe o reconhecimento dessa categoria a partir da diversidade. As desigualdades, fissuras, complexidades e possibilidades que envolvem o processo histórico e contexto social da juventude entrecruzam-se a questões como classe social, gênero, sexualidades e raça. A situação juvenil relaciona-se com os diferentes percursos e modos de vida em que os jovens vivenciam sua condição juvenil diante do tempo em que estão inseridos. Em seus estudos, Pierre Bourdieu discute a juventude como dado biológico manipulado e manipulável, principalmente ao abordar os jovens a partir de uma unidade social, na qual os interesses comuns se relacionam a uma idade biologicamente constituída e que remete claramente a uma manipulação. O autor destaca a necessidade de serem analisadas as diferenças entre as juventudes (BOURDIEU, 1983).

A caracterização da juventude brasileira prevê o reconhecimento de uma sociedade diversificada social e culturalmente, na qual a condição juvenil também apresenta diferenças e desigualdades. Fatores como gênero e

raça interferem diretamente nos constantes desafios enfrentados pelos jovens no país, sobrepondo-se as discussões e o ideário do mito da democracia racial. “Problema” este tido como resolvido numa sociedade pós-abolição de negociação de uma ancestralidade negra e africana, expressa de muitas maneiras, a partir de classificação social envolvendo processos históricos de consolidação de uma branquitude construída ideologicamente; e que tem como norma padrão os brancos como identidade racial, colocando outros grupos como marginalizados e inferiorizados (SCHUMAN, 2012).

Essa sociedade, onde os problemas das raças associam-se à hierarquização das relações de poder, reforçada pelas desigualdades de oportunidades, acaba implicando situações de racismo com a juventude negra. Isso determina suas condições sociais e favorece a estratificação social, materializada na cultura, nos valores, nos comportamentos e organizações sociais brasileiros que tratam os jovens negros de forma excludente. Da juventude negra, ressaltam-se apenas os conflitos, a violência, o vandalismo e a delinquência de uma categoria que se vê diante de uma ordem social injusta, permeada de descrença política referente a contextos de desumanização, em que suas potencialidades são privadas (PASSOS, 2010).

Nos últimos anos, os indicadores sociais têm apresentado dados alarmantes sobre a situação em que se encontram os jovens negros no Brasil. A precariedade de oportunidades da juventude negra perante os jovens brancos explica a dificuldade de acesso ao mundo do trabalho diante da pequena qualificação profissional, informalidade no que envolve as relações trabalhistas, baixos rendimentos, taxas crescentes de homicídio de jovens negros, bem como aumento da população carcerária. Ao se pensar a escolaridade dos jovens negros, as desigualdades quanto a acesso, permanência e sucesso escolar ainda se configuram de maneira perversa se forem comparadas às condições dos jovens brancos.

Sem dúvida, as desigualdades raciais vão sendo naturalizadas e cristalizadas no decorrer da vida de jovens negros. Assim também as distâncias entre negros e brancos vão sendo herdadas ao longo de um período escravista e perpetuadas através de procedimentos discriminatórios, estereotipados e racistas que legitimam a falta de oportunidades dos jovens devido à sua classificação racial na sociedade contemporânea. Os relatos e vivências de tamanhas desigualdades perante a idealização de um país democrático, com oportunidades para todos os brasileiros, sem distinção, resultam na necessidade de implementação de políticas públicas afirmativas. Políticas que assegurem direitos aos historicamente excluídos e que acabem por desencadear debates, tanto nos espaços informais quanto formais da sociedade. Assim, torna-se relevante discutir-se acerca das iniciativas políticas públicas observadas e acompanhadas no país, a partir do final dos anos 1990, que possibilitaram a consolidação de uma agenda nacional envolvendo a temática da juventude negra e abrindo possibilidades e caminhos para as demandas atuais.

## Singularidades juvenis: a constituição de políticas públicas para a juventude

Antes de serem tratadas as questões de constituição de políticas públicas voltadas para a juventude, cabe de maneira sucinta uma discussão acerca das alternativas de inserção social para os jovens, de posições e caminhos oferecidos para sua trajetória. Isto é, a construção da imagem juvenil pela sociedade que impõe um único modo de ser, fabricando-o como indivíduo social, originado das diversas extrações sociais, nas quais uns são privilegiados e outros não. Ao discorrer sobre a juventude, Foracchi (1965 apud AUGUSTO, 2005, p. 20) já afirmava:

[...] é caracterizada a partir de um registro tríplice: o reconhecimento de que se trata de uma fase da vida, constatação de suas existências como força social renovadora e a percepção de que vai muito além de uma etapa cronológica, para constituir um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal.

Os dados do Censo de 2010 apontam para um quantitativo de 50 milhões de brasileiros jovens, retratando uma “onda jovem” que reflete a importância de serem assegurados direitos e novas oportunidades para essa categoria que transita entre o ser jovem e as responsabilidades do mundo adulto. Delineiam também os projetos individuais e coletivos de uma faixa etária que demanda políticas públicas específicas como educação, saúde, trabalho e cultura (BRASIL, 2013).

Em seus estudos, Tavares (2009) aborda a necessidade de ampliação do conceito de juventude como maneira de superar estereótipos firmados e perpetuados com base em uma única juventude, europeia, branca, heterossexual e de classe economicamente favorecida. A tensão do mundo contemporâneo prevê o reconhecimento de uma juventude plural, com sujeitos sociais, por vezes invisibilizados a partir de uma condição subalterna, além da articulação e da promoção de políticas que permitam aos jovens trajetórias de emancipação que rompam os estigmas de violência e marginalização.

Como já citado anteriormente, a partir da década de 1990, os problemas da juventude ganharam visibilidade em face das demandas juvenis, preconizando a instituição de políticas públicas que oportunizassem o debate do tema na agenda governamental (BRASIL, 2013). A decisão envolvendo a implementação de políticas públicas emerge dos conflitos referentes a bens públicos e recursos limitados, resultante de amplas negociações e consenso, apesar de provisórios.

Spósito e Carrano (2003) alertam para o retrato passivo concebido às juventudes na construção dessas políticas que reforçaram representações juvenis associadas ao universo adulto. Contudo, ao abordarem a ampliação dos

direitos de alguns setores da sociedade brasileira, evidenciam como o poder público, nesse período, voltou-se para os adolescentes. A crítica realizada pelos autores refere-se à idade cronológica e às limitações da maioridade penal, que acabam por excluir sujeitos que atingiram a maioridade e ficam fora das políticas e ações públicas, mesmo em condição juvenil.

A criação de programas no âmbito federal englobou crianças, adolescentes e jovens, necessitando de uma focalização de políticas específicas para a juventude. No que concerne ao âmbito municipal, a parceria iniciada entre poder executivo e sociedade civil, desde os anos 1990, resultou na implantação de projetos e/ou programas para os jovens, até mesmo financiados pelo governo federal. O que ocasionou tentativas de continuidade de políticas públicas que reconhecessem, historicamente, os diversos caminhos negados à juventude quando se evidenciam educação, trabalho e saúde.

Essa luta dos diversos segmentos sociais e representantes da sociedade civil preconizou a Ementa Constitucional 65, incluindo o termo “jovem” na Constituição Federal, tal como a criação da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), em meados de 2004, configurando-se como importantes ganhos em termos de visibilidade social no que se refere às políticas pensadas para a juventude brasileira. Novos caminhos começaram a ser traçados com o objetivo de entender as trajetórias de vidas, singularidades e peculiaridades dessa categoria social afetada nas últimas décadas por inúmeras modificações ocorridas na sociedade brasileira. E, nestas, a juventude acabou sendo excluída das relações sociais, culturais e do mundo do trabalho. A constituição da SNJ, com atribuições legais para a formulação, coordenação, execução, integração e articulação de políticas públicas, promovendo uma interlocução entre setores públicos e privados, enfatizou a garantia de direitos como inclusão, autonomia, emancipação e participação juvenil (BRASIL, 2013).

Nesse sentido, as organizações juvenis, com base nas redes, movimentos e fóruns, ganharam importante destaque no cenário brasileiro, fortalecendo e potencializando as Conferências Nacionais de Juventude e o Conselho Nacional da Juventude (Conjuve). Este atua como espaço de monitoramento e criação de políticas públicas, enfatizando debates, diálogos e articulações com os conselhos estaduais, municipais e organizações juvenis.

Como reconhecimento da diversidade juvenil e das desigualdades instaladas, jovens negros e não negros entre 15 e 29 anos, vitimizados pela violência e criminalidade, tanto em comunidades urbanas como rurais, são beneficiados por programas nas áreas de saúde, educação segurança, trabalho e emprego, como Prouni, Bolsa Atleta, Pronatec, Nossa 1ª Terra, Projovem, Pronaf Jovem, dentre outros. O conhecimento e a análise dessas conquistas, no que tange à efetivação de políticas públicas para a juventude, tornam-se fundamentais para que se compreenda o cenário social em que o JUBRA começa a ser pensado. Nessa 6ª edição, legitimou-se como espaço para socialização de pesquisas e trabalhos envolvendo a juventude, em suas mais diversas especificidades e realidades.

## Os jovens e seus outros: novos tempos, novos caminhos, novas proposições

Ao se discorrer sobre as atuais interfaces da juventude brasileira, alicerçadas nos trabalhos apresentados no VI Jubra, analisaram-se estudos desenvolvidos na comunidade acadêmica e em organizações civis como possibilidade de interpretar produções referentes às juventudes negras e juventudes quilombolas. Partiu-se de uma perspectiva metodológica fundamentada no estudo bibliométrico como forma de categorização de dados relevantes encontrados e organizados em uma planilha contendo informações referentes a título, temática, aporte teórico, autores e região.

A organização dessa planilha considerou os trabalhos com descritores juventude negra/jovens negros e juventude quilombola/jovem quilombola. Oportunizou ampliar as discussões que envolvem esse segmento social, marcado por uma classificação racial e étnica, sob a ótica do racismo que de forma específica “naturaliza” a vida social, explicando diferenciações pessoais, sociais e culturais, com base em diferenças tomadas como naturais (GUIMARÃES, 2012).

**Tabela 1.** Trabalhos apresentados no VI Jubra – descritores: juventude negra/jovens negros

Título	Temática	Aporte teórico	Autores	Região
<b>Aviãozinho, patrão e polícia: as relações de confiança e desconfiança entre os jovens envolvidos no tráfico de drogas na periferia de Goiânia</b>	Confiança e desconfiança nas transações econômicas das drogas		Guilherme Borges da Silva	Goiânia
<b>Violência urbana: o alvo são os jovens negros e pobres</b>	A violência urbana no interior do Estado da Bahia, colocando jovens negros em vulnerabilidade social e privação de seus direitos		Antonio Mateus Soares, Gerusa Sobreira	Bahia
<b>Transição capilar: o retrato contemporâneo do cabelo afro e suas significações identitárias</b>	Percurso histórico de negação da beleza negra, evidenciando nas últimas décadas uma transição de modelos estéticos que representem essa beleza		Táís R. de Aguiar	Rio Grande do Sul
<b>Apontamentos sobre o valor da escolarização média para jovens negros e brancos</b>	O valor da escolarização média para jovens negros(as) e brancos(as)		Natalino Neves da Silva	Minas Gerais

(continua)

**Tabela 1** (continuação)

<b>Título</b>	<b>Temática</b>	<b>Aporte teórico</b>	<b>Autores</b>	<b>Região</b>
<b>Papo de terreiro</b>	Tensões que atingem os povos de matrizes africanas, ressaltando a necessidade de efetivação de um discurso de afirmação de jovens negros adeptos dessas religiões		Mônica Regina Miranda	Rio de Janeiro
<b>Racialidade e preconceito nas relações de trabalho na cidade de Juiz de Fora:</b> uma abordagem sobre a exploração da força de trabalho do jovem negro	As relações raciais e preconceitos na inserção dos jovens negros como força de trabalho na cidade de Juiz de Fora, diante do crescimento econômico dessa região		Leandro Alves de Assis	Juiz de Fora
<b>Jovens negras no contexto escolar:</b> identidade e educação em direitos humanos	A construção de uma identidade afrocentrada na perspectiva dos direitos humanos no ambiente escolar	Dayrell (2007), Brah (2006), Castro (2004), Passos (2011), Andrade (2013)	Jocilene Maria de Oliveira, Patrícia Cristina de Aragão Araújo	Paraíba
<b>Nós não nascemos negros, nos tornamos:</b> um debate sobre ser jovem e negro na sociedade brasileira	Ser jovem negro em uma sociedade excludente e racista		Taís Evandra Teles dos Santos	São Paulo
<b>Posições de privilégio e o processo de afirmação da negritude na trajetória de jovens negros de Belo Horizonte</b>	Jovens autodeclarados negros em situação de privilégio econômico e social		Ricardo Dias de Castro	Minas Gerais
<b>Ensino superior e redução das desigualdades sociais:</b> uma relação possível?	Ingresso no ensino superior (curso pré-vestibular) e redução das desigualdades raciais		Vanessa Silveira de Brito	Rio de Janeiro
<b>Quem traz na pele essa marca:</b> trajetória de estudantes afrodescendentes em instituições de ensino no Rio de Janeiro	Trajetórias escolares de jovens afrodescendentes matriculados em instituições públicas		Rogério Mende de Lima, Beatriz da Silva Amaro de Castro Hermes, Luanna Monteiro Rodrigues, Paulo Roberto Vaughon Santana	Rio de Janeiro

(continua)

**Tabela 1** (continuação)

<b>Título</b>	<b>Temática</b>	<b>Aporte teórico</b>	<b>Autores</b>	<b>Região</b>
<b>A Lei 12.711/12:</b> contribuições para o acesso de jovens negros à educação básica da Cefet/RJ	As cotas e a ampliação do acesso do jovem negro ao ensino técnico e médio		Samantha Rodrigues de Oliveira, Carlos Henrique dos Santos Martins	Rio de Janeiro
<b>A construção da identidade entre jovens negros do conjunto habitacional Palmital – Santa Luzia-MG</b>	A construção da identidade étnico-racial nos múltiplos espaços onde os jovens estão inseridos		Moisés Ferreira Geraldo	Minas Gerais
<b>Expectativas de futuro de jovens negros do ensino médio de escolas públicas:</b> implicações do sistema de cotas no Ceará	O papel de implementação das cotas no sistema de ensino do Ceará e as expectativas de ingresso dos estudantes do ensino médio no ensino superior		Veriana de Fátima Rodrigues Colaço, Janáina Farias de Melo, Andréa Acioly Maia Firmo, Denise Viana Goes, Livia Lima Gurgel, Bruna Laise Abreu Bezerra	Ceará
<b>O debate sobre ações afirmativas e relações étnico-raciais com estudantes de escolas públicas</b>	Acesso e permanência de jovens na universidade, a partir das cotas raciais e sociais		Ellen Diogo Platt, Nair Iracema Silveira dos Santos, Tanise Baptista de Medeiros, Jaqueline Lima, Poliana Einsfeld da Silva, Samara Ayres	Rio Grande do Sul
<b>Democratização da universidade e o desafio da permanência:</b> trajetórias de jovens negros no acesso aos espaços acadêmicos de prestígio	Os elementos de exclusão internos à academia que impactam a inserção dos jovens nos espaços de prestígio acadêmico (pesquisa, extensão, monitoria, intercâmbio e pós-graduação)		Luciana Maria de Souza, Talita Gonçalves Caetano, Lucas Ramos Martins	Minas Gerais
<b>Políticas do comum e enfrentamento do genocídio da juventude negra:</b> a construção do “Projeto É nós” no bairro da Brasilândia (São Paulo)	O “Projeto É Nós” e as discussões e enfrentamentos ao genocídio da juventude negra nas pautas dos serviços públicos do estado		Valdir Pierote, Emiliano David, Juliana Araújo	São Paulo
<b>Multiculturalismo como dialética educacional para juventude</b>	O reconhecimento da diversidade étnico-racial e da cultura brasileira no ambiente escolar perante a implementação da Lei 10.639/2003		Valéria Paixão V. Nepomuceno	Rio de Janeiro

(continua)

**Tabela 1** (conclusão)

Título	Temática	Aporte teórico	Autores	Região
<b>A cor da sentença:</b> discutindo a redução da maioria penal entre os jovens negros no Brasil	A juventude negra e seu pertencimento racial como marca de vulnerabilidade social das altas taxas de homicídios nos últimos anos	Guimarães (1999, 2002)	Maria Divaneide Basílio Ana Carolina Araújo de França	Rio Grande do Norte
<b>Juventude(s) negra(s) e pedagogias decoloniais:</b> desconstruindo estereótipos	A influência midiática na associação da imagem do jovem negro com o crime	Frantz Fanon (2005, 2008), Paulo Freire (2005, 2011), Muniz Sodré (1999), Goffman (2006)	Sonia Maria Vieira da Silva Danielle de Deus França G. Vaz Fernando Pimentel	Rio de Janeiro
<b>Prevenção à violência contra jovens negros:</b> uma experiência de intervenção sob a perspectiva da psicologia social comunitária	Escuta dos jovens negros a partir da problematização das questões vivenciadas por estes em seu cotidiano	Psicologia Social Comunitária	Maria Ribeiro de Souza Lara Brum de Calais Cássia Ribeiro de Souza Victor Hastenreiter	Minas Gerais

**Tabela 2.** Trabalhos apresentados no VI Jubra – descritores: juventude quilombola/jovens quilombolas

Título	Temática	Aporte teórico	Autores	Região
<b>Jovens quilombolas e direitos diferenciados</b>	A luta por cidadania e direitos travados pela juventude quilombola em Salvaterra		Breno Silva Cavalcante	Pará
<b>Juventude quilombola na universidade:</b> vozes e representações pela afirmação de direitos e valorização identitária	Representações sociais construídas por jovens quilombolas da política de vaga de reserva da UFPA	Unesco (2004), Esteves e Abramovay (2007), Gomes (2001), Jodolet (1984), Moscovici (1978), Jovchelovitch (2013)	Laís Rodrigues Campos	Pará
<b>Vivendo entre mundos:</b> o encontro entre as juventudes quilombola e urbana	Vivências dos jovens quilombolas e os significados que eles atribuem ao uso do álcool		Roseane Amorim da Silva	Pernambuco
<b>Entre o silenciamento e a afirmação:</b> uma análise acerca das escolhas de jovens rurais quilombolas	Os sentidos atribuídos pelos jovens quilombolas às rotinas e às práticas cotidianas em suas próprias comunidades, com base em suas escolhas escolares e profissionais	Teoria Interpretativa da Cultura de Geertz	Azamor Coelho Guedes, Ana Carla de Lima Portela, Maria de Lourdes Nunes Militão	Bahia

Por meio dessa categorização, foram analisados 24 trabalhos nos Anais/Resumos do VI Jubra, sendo que o descritor juventude negra/jovens negros abarca 20 dos resumos apresentados com temáticas pertinentes e diversificadas. Estes envolvem a situação de vulnerabilidade social vivenciada pela juventude negra, através do envolvimento com drogas; situações de violência e genocídio; processo de escolarização e políticas afirmativas de inclusão no ensino superior (cotas); empoderamento da população negra pela estética; construção de uma identidade sobre o ser jovem negro que supere os estereótipos firmados ao longo dos tempos; e discussões sobre as questões raciais envolvendo preconceito e discriminação.

Ao se pesquisar acerca da juventude quilombola/jovens quilombolas, apenas quatro produções foram encontradas. A possível explicação para um número ainda pequeno, mas significativo, de trabalhos referentes aos jovens quilombolas, relaciona-se ao tardio reconhecimento dos direitos territoriais de comunidades remanescentes de quilombos, negados durante boa parte da história deste país. Só a partir do artigo 68, do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), da Constituição Federal de 1988, é resgatada “parte da história da resistência negra diante da discriminação, da opressão e do escravismo sofridos pela ancestralidade negra em terras brasileiras” (MELO et al, 2011, p. 19). Fato esse que sinaliza a entrada recente da discussão quilombola nos espaços acadêmicos e instituições sociais, principalmente após a instituição da política de cotas raciais que privilegiou negros e quilombolas. Situação percebida nas temáticas abordadas diante dos processos formativos de jovens negros quilombolas (rurais e urbanos), bem como nas vivências desses quanto ao alcoolismo e à luta por reconhecimento social.

Em relação às análises para as regiões e temáticas discutidas em cada uma delas, percebeu-se um maior quantitativo de trabalhos apresentados em três estados do Sudeste: Minas Gerais e Rio de Janeiro somam 12 trabalhos; São Paulo, dois. Fato interessante dessa observação: essa região não apresentou, nesse evento, nenhum trabalho voltado para a juventude quilombola/jovens quilombola, apesar de dados do Instituto Socioambiental (ISA)<sup>1</sup> apontarem o Sudoeste como a segunda região de maior consagração constitucional de comunidades quilombolas, com aproximadamente, 13,17%.

A região Sudeste possui os maiores centros de pesquisas nacionais acerca da juventude, a exemplo do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, contando com programas de ensino, pesquisa e extensão que desenvolvem atividades com enfoque nos jovens mineiros. Consultando o *site* do Observatório da UFMG, também não se identificou nenhum trabalho sobre jovens quilombolas.

<sup>1</sup> ISA é uma associação que não possui fins lucrativos, relacionada à Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), da qual herdou o patrimônio material e imaterial dos Programas Povos Indígenas no Brasil. As pesquisas realizadas e desenvolvidas são feitas em publicações oficiais da União e dos estados, assim como em jornais, revistas (nacionais e regionais) e extensa rede de colaboradores. Ver: <[www.uc.socioambiental.org](http://www.uc.socioambiental.org)>.

Com relação aos trabalhos apresentados no VI Jubra, estes tiveram temáticas referentes ao contexto social vivenciado pelos jovens nos grandes centros urbanos, principalmente violência, discriminação, preconceito e genocídio da população jovem negra, reconhecimento e afirmação de pertencimento etnicorracial, trajetórias escolares e políticas de cotas.

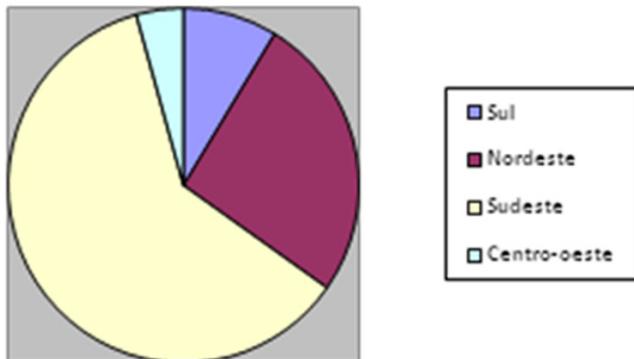
Nessa edição do Jubra, o Nordeste publicou seis trabalhos oriundos dos seguintes estados: Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia. Violência urbana, construção de identidade afro-brasileira no contexto escolar, sistema de cotas e ingresso de jovens negros no ensino superior estiveram em discussão ao se buscarem trabalhos com descritores juventude negra/jovens negros. Quanto à juventude quilombola/jovens quilombolas, encontraram-se resumos abordando o uso de álcool nas comunidades quilombolas rurais, a relação entre rotinas e práticas cotidianas do quilombo e sua influência nas escolhas escolares e profissionais desses jovens. De acordo com Melo (2012), as comunidades rurais quilombolas sobrevivem, quase sempre, de produção descapitalizada para subsistência das próprias famílias. Esporadicamente, esta é comercializada quando existe um pequeno excedente e mercado de consumo. No mais, as condições de vida são, significativamente, piores que as de outras populações, ressaltando a pobreza imbricada a contornos raciais no meio rural.

Os trabalhos apresentados por pesquisadores das regiões Norte e Sul apresentam o mesmo quantitativo: dois por região. Os temas se assemelham, mesmo ao tratar de descritores distintos. No Norte, as discussões centram-se na juventude quilombola/jovens quilombolas a partir da luta e do reconhecimento dessas juventudes, assim como da reserva de vagas no ensino superior. Na região Sul, não se evidenciou nessa edição trabalhos sobre juventude quilombola/jovens quilombolas.

Por fim, o Centro-Oeste apresenta um trabalho acerca do envolvimento de jovens negros de áreas pobres com o tráfico de drogas ilícitas em Goiânia, abordando a relação de confiança e desconfiança entre “aviãozinho” e “patrão”. Os **Gráficos 1 e 2** resumem a participação das regiões por meio de envio de trabalhos para o VI Jubra, destacando a porcentagem de cada uma delas no que tange ao quantitativo de produções científicas apresentadas, conforme descritores.

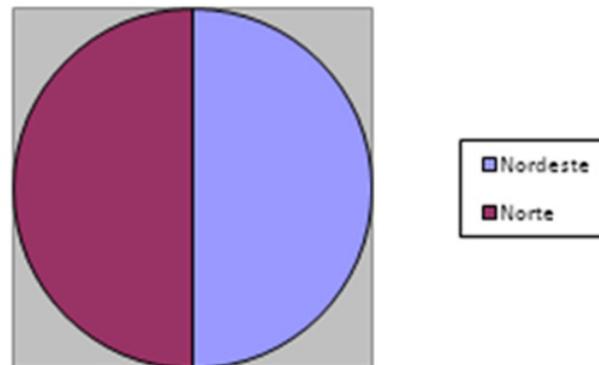
O aporte teórico utilizado pelos autores dos trabalhos apresentados no Jubra baseia-se em pesquisadores contemporâneos como Dayrell (2007), Passos (2011), dentre outros, para fundamentar o debate acerca da juventude negra/jovens negros. As relações raciais têm como referência Guimarães (1999, 2002), que discorre acerca do processo de colonização e dos cruéis mecanismos de discriminação, preconceito e racismo vivenciados pelos negros no pós-abolição. Outra referência que perpassa os trabalhos é Frantz Fanon (2005, 2008). Outros autores, como Paulo Freire (2005, 2011), Abramovay, Andrade e Esteves (2007), mesmo não sendo do campo das relações raciais, também são citados nos trabalhos analisados. Outras contribuições advêm da teoria interpretativa da cultura de Geertz e da psicologia social comunitária.

**Gráfico 1.** Trabalhos por região – descritores: juventude negra/jovens negros



Fonte: elaboração dos autores (corrigir no gráfico: Centro-Oeste).

**Gráfico 2.** Trabalhos por região – descritores: juventude quilombola/jovens quilombolas



Fonte: elaboração dos autores.

## Considerações preliminares

Sem dúvida, ao se tratar das juventudes, diversas questões e especificidades levam a refletir acerca das transformações constantes vivenciadas por esse público cotidiano. Caracterizada como etapa de relações conflituosas, insatisfações pessoais e coletivas, a juventude traça caminhos pouco reflexivos, nos quais apenas a lógica de uma sociedade excludente invisibiliza novas oportunidades. Nesse contexto, direitos historicamente foram negados, e as muitas maneiras de viver a juventude, silenciadas, restando apenas a construção de uma visão estereotipada sobre o jovem, principalmente ao serem considerados marcadores de cor/raça e classe.

As lutas sociais constituíram ganhos relevantes em termos de legalidade jurídica e avanço no desenvolvimento e implementação de políticas públicas. Novas demandas surgem diariamente, no país, ao retratarem as muitas facetas de uma juventude que grita por justiça, visibilidade, reconhecimento político, cultural e social. Nos últimos anos, essas questões se destacaram na mídia nacional. Desafios constantes são noticiados e acenam a necessidade de se (re)pensar a situação e condição juvenil.

O mapeamento e a análise realizados neste trabalho, diante dos resumos das produções apresentadas no VI Jubra, revelam que três temáticas constituem o foco de boa parte das investigações: mídias/tecnologia, violência/

direitos humanos e educação. Cada uma contou com um GT (GT 03 Violência e Direitos Humanos; GT (número?) Mídias e Tecnologias; GT 06 Trajetórias Escolares e Não Escolares), sendo estes os únicos GTs a terem as pesquisas organizadas em duas sessões devido ao volume de trabalhos (69, 72 e 69, respectivamente).

Outra constatação é que estudos sobre os jovens quilombolas, sejam do campo ou urbanos, ainda são incipientes quando se consideram as temáticas mais pesquisadas acerca da juventude. Verificou-se uma ampliação dos estudos sobre juventude rural, evidenciando-se, inclusive, um GT para agrupamento de pesquisadores da temática e no qual foram apresentados 30 trabalhos. No entanto, os jovens e as juventudes quilombolas ainda não constituem o foco das investigações, sendo localizados nesse GT apenas dois trabalhos sobre esses sujeitos sociais.

A preocupação acerca do processo de escolarização e ingresso no ensino superior permeou muitos trabalhos apresentados na edição acima citada do Jubra, tanto dos jovens negros como dos jovens negros quilombolas. No entanto, mesmo apresentando um GT específico sobre educação (GT (número?) Trajetórias Escolares e Não Escolares), que contou com o maior número de trabalhos apresentados (organizados em duas sessões), esta não foi uma temática que permeou boa parte dos trabalhos selecionados quando os sujeitos investigados são os jovens negros/quilombolas.

Mesmo destacando os significativos avanços ocorridos na última década, no campo das políticas públicas para a juventude, a população juvenil negra e de áreas periféricas urbanas e rurais ainda convive com marginalização, violência, preconceito, discriminação, racismo e condição de vulnerabilidade social, como apontam as pesquisas realizadas, constituindo as temáticas mais investigadas.

A relevância em analisar as temáticas discutidas em um evento de nível internacional, como o Jubra, oportuniza não apenas a socialização de dados e assuntos pertinentes à juventude negra e quilombola, mas também o avanço em novos questionamentos baseados na realização e/ou aprofundamento de pesquisas.

## Referências

ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Secadi; Unesco, 2007.

ANDRADE, C. B. de. et al. **Anais do VI Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira**. Rio de Janeiro: Nipiack/IP/UFRJ, 2015.

ARAÚJO, R. F; ALVARENGA, L. A bibliometria na pesquisa científica da pós-graduação brasileira de 1987 a 2007. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 51-70, 2011.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Agenda Juventude Brasil**. Brasília, 2013.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: Ortiz, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Políticas Públicas de Juventude**. Brasília: Presidência da República/Secretaria Nacional da Juventude, 2013.
- CARVALHO, Giane C. A. Juventude e políticas públicas: mero destaque na agenda pública ou garantia de direitos? **Em Tese**, v. 2, n. 2, p. 163-175, 2006.
- CARVALHO, R. V. A juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente? **Anais 9º Congresso Nacional de Educação/3º Encontro Sul-Brasileiro de Psicopedagogia**. Paraná, 2009.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.
- FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GROPPO, L. A. Sentidos da juventude na Sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Rev. Políticas Públicas**, São Luís, v. 20, n. 01, p. 383-402, 2016.
- GUIMARÃES, A. S. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MATIJASCIC, Milko; SILVA, Tatiana D. Jovens negros: panorama da situação social no Brasil segundo indicadores selecionados entre 1992-2012. In: SILVA, Enid R. C.; BOTELHO, Rosana U. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.
- MELO, A. L. A. et al. **“Palmas” para o quilombo**: processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.
- MELO, M. M. **Reminiscências dos quilombos**. São Paulo: Ed. 3º Nome, 2012.
- MENEZES, M. A.; STROPASOLAS, V. L.; BARCELOS, S. B. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Nead/MDA, 2014.
- MOROSINI, Marília. Estado do conhecimento e questões do campo científico. **Educação Santa Maria**, v. 40, n. 11, p. 101-116, 2015.
- PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.
- PASSOS, J. C. dos. **Juventude negra na EJA**: os desafios de uma política pública. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- PEREIRA, Marsilvio G.; TRIVELATO, Sílvia L. F. Investigação em ensino de Ciências e Biologia: uma análise a partir de dissertações e teses produzidas no contexto de um grupo de pesquisa. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 08, n. 16, p. 37-50, 2015.
- SCHUMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Enid R. C.; BOTELHO, Rosana U. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.

SILVA, N. N. da. **Juventude, EJA e relações raciais**: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros ao processo de escolarização da EJA. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SPOSITO, M. P; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 16-39, 2003.

TAVARES, B. L. **Na quebrada, a parceria é mais forte – juventude hip-hop**: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

Recebido em: novembro/2016

Aceito em: abril/2017

**Endereço para correspondência:**

Benedito Eugênio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Departamento de Filosofia e Ciências Humanas

Estrada do Bem-Querer, km 04

45028-900 Vitória da Conquista, BA, Brasil

<[beneditoeugenio@bol.com.br](mailto:beneditoeugenio@bol.com.br)>